

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: Biografia e Sociedade

O jardim dos caminhos que se bifurcam: no labirinto dos memoriais acadêmicos de antropólogos e historiadores (UNICAMP, 2000-2013).

Wilton C. L. Silva (UNESP, Campus de Assis)

O jardim dos caminhos que se bifurcam: no labirinto dos memoriais acadêmicos de antropólogos e historiadores (UNICAMP, 2000-2013).

Wilton C. L. Silva<sup>1</sup>

*“Deixo aos vários futuros (não a todos) o meu jardim de caminhos que se bifurcam.”*

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

A epígrafe acima é a fala de um dos personagens d’*O jardim dos caminhos que se bifurcam*, um famoso conto policial do escritor argentino Jorge Luis Borges o qual descreve um romance que, como um labirinto, se apresenta como uma narrativa de forma não linear e dotado de uma espacialidade própria, com múltiplos tempos, divergentes, convergentes e paralelos.

Narrar a si mesmo é enfrentar um labirinto, tanto na concepção do local criado enquanto exemplo de racionalidade e geometria que protege e ao mesmo tempo aprisiona, quanto pela etimologia da palavra, que significa “machado de dupla lâmina” e que pode defender e ferir. (DOURADO, 1974, p. 5)

As fontes primárias sobre a própria vida oferecem não só a dimensão das experiências pessoais de um sujeito em suas ações cotidianas, em um relato verídico, mas também se apresentam como uma representação do indivíduo e de seus contextos que devem ser entendidos para além do contraste verdade-mentira ou exatidão-inexatidão, mas como uma tipologia dos gêneros, uma perspectiva específica, reflexo de situações de construção das representações de si e do mundo, estratégias de autorrepresentação e autofiguração, afirmação de identidades e de outras dimensões que se constroem na escrita de si.

Propomos nessa comunicação uma breve discussão sobre algumas particularidades de um material arquivístico que tem tanto uma dimensão

---

<sup>1</sup> Professor Livre Docente do Departamento de História da UNESP, Campus de Assis. Coordenador do MEMENTO - Grupo de Pesquisa de Memórias, Trajetórias, Biografias, cujas pesquisas recebem o fundamental apoio do CNPq (Proc. 440529/2014-0) e da FAPESP (Proc. 2016/19014-0). [wilton@assis.unesp.br](mailto:wilton@assis.unesp.br)

burocrática quanto subjetiva, o memorial acadêmico, o relato crítico da trajetória cultural e intelectual de um docente universitário, exigido em concursos públicos de progressão de carreira e que ao mesmo tempo em que representa a memória individual de uma carreira profissional também faz parte da memória institucional do ensino superior no país.

Nosso objeto de análise são os memoriais acadêmicos dos professores aprovados em concursos de livre-docência e de titularidade nos Departamentos de História e de Antropologia na UNICAMP, entre 2000 e 2013, e que possibilitariam a identificação possíveis giros narrativos e a problematização de processos de construção social da memória, tendo como referenciais a ego-história e a auto-etnografia, mas também discutir a forma como a instituição guarda sua memória e os desafios encontrados na pesquisa dessa documentação.

Os memoriais, enquanto escrita de si, foram interpretados a partir de categorias-chaves como formação, influências, rede de relações, família, conflitos, ensino, pesquisa, gestão, extensão, entre outros, assim como por seus aspectos narrativos, quando buscou-se caracterizar as manifestações de racionalismo, subjetivismo, memorialismo, etc.

O tipo de escrita autorreflexiva que caracteriza o memorial, mesmo delimitada pelas determinações burocráticas dos editais que buscam a homogeneização, a racionalização e a formatação da narrativa autobiográfica, se traduz em rico material para uma investigação qualitativa capaz de oferecer bases para reflexões sobre a profissão docente, os relacionamentos intragrupo (com os pares), as relações intergrupos, envolvendo o diálogo com instâncias administrativas educacionais e com os alunos em sala de aula, entre outros aspectos.

Cada instituição maneja tais arquivos de uma forma específica, sendo que na UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, no estado de São Paulo, como regra geral o memorial era visto apenas como apenso do processo, sendo descartado após aprovação, ou sendo mantido pelo instituto onde se deu o concurso.

Em termos quantitativos o Departamento de História contava, no início de 2014, com trinta e quatro professores, entre vinte e seis plenos e oito participantes, dos quais, segundo os dados curriculares disponibilizados na

página do programa, sete eram professores titulares e quatro livre-docentes, e o Departamento de Antropologia, encontrava-se com vinte e oito docentes, entre professores quinze plenos, um participante, cinco colaboradores e sete pós-doutores, dos quais quatro eram livre-docentes e um, professor titular, no mesmo período.

No entanto, levantamento posterior, junto à administração acadêmica da universidade, amplia o número para um total de treze professores que defenderam a livre-docência ou a titularidade junto ao Departamento de Antropologia e dezessete na mesma situação no de História, dentro do período 2000-2013.

Pela inexistência, quando do início da pesquisa, de uma política de arquivamento dos memoriais dos dois departamentos pelo IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que posteriormente iniciou a busca e a organização de tal acervo, somente conseguimos recuperar parte, catorze (cerca de 34%), do total de dezesseis possíveis memoriais de antropólogos e de vinte e cinco de historiadores, que totalizam quarenta e um documentos.

## **ESCRITA DE SI E CARREIRA ACADÊMICA**

Os memoriais de formação são um campo legitimado e bastante estudado na área de formação de professores e da história da educação (SOUZA, 2008; PASSEGGI, 2008; PASSEGGI, SOUZA, VICENTINI, 2011)<sup>2</sup>, sendo que Silva (2015) chama a atenção para a forma como o

estudo das narrativas de vida de educadores tem sido abordado por uma extensa diversidade de entradas e terminologias de pesquisa, sintoma de uma flutuação terminológica em torno das histórias e relatos de vida, biografias e autobiografias que refletem a riqueza e a

---

<sup>2</sup> Essas práticas de escrita autorreflexiva se traduzem em uma investigação qualitativa e uma prática de formação, a partir das reflexões sobre “o despertar para a profissão, os relacionamentos intragrupo (com os pares), as relações intergrupos, envolvendo o diálogo com instâncias administrativas educacionais, pais de alunos e o grupo de alunos em sala de aula, com particular atenção para os processos de ensino-aprendizagem, a relação pedagógica e as exigências curriculares”. (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 370)

dificuldade de se expressar distintas vivências e temporalidades. (p. 108)

Quase que de forma consensual a identidade profissional do docente é apresentada a partir do encadeamento de diferentes e sucessivas fases que se estendem dos condicionantes da opção pela profissão, passando pela formação inicial e, de resto, pelas experiências enquanto opções, práticas, continuidades e descontinuidades do magistério. (SOUZA apud SILVA, 2015, p. 109)

No entanto, as ciências sociais e a historiografia pouco se dedicaram à problematização desse material, que apresenta tanto características de egodocumento/autodocumento<sup>3</sup> como de relato autobiográfico, enquanto forma de construção de uma memória pessoal e institucional.<sup>4</sup>

Com certeza, a origem burocrática de tal documento, oriundo de um concurso público para ascensão profissional, com características imprescindíveis determinadas por um edital específico, caracterizam-no como egodocumento/autodocumento, ou seja, certos documentos institucionais que se apresentam como fontes específicas não somente como manifestação de uma individualidade mas também como vestígio de formas de vida coletivas, mentalidades, formas de socialização, valores e características grupais, entre outros aspectos.

---

<sup>3</sup> Em meados da década de 50 do século XX o historiador holandês Jacob Presser criou o conceito de “egodocumento” para definir os textos nos quais o autor escreve explicitamente a cerca de si mesmo, e nas décadas seguintes Winfried Schulze amplia o conceito na historiografia alemã incorporando os documentos escritos de forma involuntária ou obrigatória (como processos jurídicos, livros contábeis, testamentos, entre outros). Posteriormente outros pesquisadores alemães, como Fabian Brändle, Kaspar von Greyerz e Lorenz Heiligensetzer objetaram que a questão da vontade do autor deveria ser um limite para o enfoque de tais documentos, uma vez que as determinações de natureza judicial, administrativa ou econômica poderiam contribuir para uma percepção distorcida da pessoa, defendendo a delimitação de tais fontes como “autodocumentos” (*Selbstzeugnisse*) (ARISTIZABAL, 2012, p. 8-9)

<sup>4</sup> Aristizabal (2012, p. 11-12) identifica uma reduzida contribuição analítica da historiografia hispano-americana sobre autodocumentos, o que poderíamos estender às ciências sociais em geral, pois o trabalho com fontes autobiográficas entre os historiadores locais se limitou a certas perguntas sobre a transcendência histórica do autor, sem explorar aspectos como a personalidade, a socialização, os valores, padrões de comportamento, etc. Em contraste, a teoria literária e a filosofia apresentariam uma produção mais volumosa, mas que descarta as memórias, os diários, os relatos de viagem e as cartas, devido a “pobreza literária” de tais documentos. Note-se que na teoria literária de matriz hispano-americana insinua-se uma curiosa dimensão de gênero em tal campo de estudo, com destaque para a argentina Sylvia Molloy (da New York University), a porto-riquenha Iliá Casanova-Marengo (da St. Laurent University) e a colombiana Carolina Álzate (da Universidad de los Andes).

Ao mesmo tempo, enquanto narrativa, a inevitável situação na qual narrador e personagem são a mesma pessoa, rompendo com as instâncias dicotômicas da escrita acadêmica em geral, assinala a presença do “pacto autobiográfico” (LEJEUNE, 2008, p. 48), no qual a confluência entre narrador e personagem busca construir um “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, enfatizando sua vida individual e, em particular, a história de sua personalidade.”

Em termos autobiográficos os memoriais escolhidos, de concursos de livre-docência e de titularidade, de dois departamentos, História e Antropologia, de uma mesma instituição, permite a discussão sobre certas matrizes narrativas da ego-história e da autoetnografia, no que se refere à questões sobre os limites entre o relato vida, o testemunho, a autobiografia, a etnografia e o ensaio auto-reflexivo.

No campo historiográfico o surgimento do livro “Ensaaios de Ego-história”, organizado por Pierre Nora, com a participação de grandes historiadores franceses – Jacques Le Goff, Pierre Nora, Pierre Chaunu, Georges Duby, entre outros – marca a afirmação de uma opção metodológica para a exploração de memórias individuais dos autores na busca de cada um explicar a sua própria história e tentar aplicar a si próprio, seguindo o estilo e os métodos escolhidos, o olhar frio, englobante e explicativo que tantas vezes lançou sobre os outros.

Na contracapa do livro explica-se:

“Que é ego-história? Não se trata de uma autobiografia pretensamente literária, nem de uma profissão de fé abstracta, nem de uma tentativa de psicanálise. O que está em causa é explicar a sua própria história como se fosse de outrem, tentar aplicar a si próprio, seguindo o estilo e os métodos que cada um escolheu, o olhar frio, englobante e explicativo que tantas vezes se lançou sobre os outros. Em resumo, tornar clara, como historiador, a ligação existente entre a história que cada um fez e a história de que cada um é produto.” (NORA, 1989)

Por sua vez, o neologismo “autoetnografia”, segundo Versiani (2005, p. 97) surge na antropologia a partir de textos de Reed-Danahay, Phillippe Lejeune, Alice Deck e Mary Louise Pratt, como um desdobramento de discussões entre produção textual e subjetivação, nas quais a coletânea coletânea “*Writing*

*Culture: the poetics and politics of ethnography*” (1986), organizada por Clifford e Marcus James, e os trabalhos de Michael Fischer sobre autobiografias étnicas são alguns exemplos significativos.

Ao longo do século XX as particularidades metodológicas da Antropologia, com a imersão cultural e os necessários diários de campo, colocam de forma precoce a discussão sobre auto-reflexão e narrativa, o que não se explicita na Sociologia e na Ciência Política com suas pesadas heranças positivistas, e que somente se legitima na História posteriormente, como nas seguidas reavaliações sobre a legitimidade da biografia e discussões sobre “a escrita da história”, “ego-história” e temas afins, enquanto por sua vez na teoria da literatura a relação entre os processos de subjetivação e obra literária se faz sempre presente, desde da discussão sobre autoria até a afirmação crítica da dimensão sócio-cultural não só da obra mas de seu significado em diferentes contextos.

Assim, a partir da análise de algumas características estruturais dos memoriais buscamos discutir como estes se apresentam como um espaço de afirmações e negações, do que se lembra e do que se esquece, do que se mostra e do que se omite, e mesmo que seu autor-narrador possa imaginar-se como representante de interesses de classe, ator estratégico, figura do habitus, ator racional, ser histórico ou agente socializado, entre outras possibilidades, está vinculado à relações particulares com seu tempo e espaço de forma que sua narrativa não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado.

No texto o autor-narrador reorganiza as instâncias dicotômicas sujeito-objeto através da inclusão explícita de sua persona como foco de análise, na qual ao mesmo tempo em que o sujeito produz uma manifestação discursiva em que se coloca em relação consigo mesmo esta é mediada pelas exigências de contratualidade, ou seja, as expectativas de um discurso em primeira pessoa como relato crítico de sua trajetória cultural e intelectual, assim como de suas expectativas profissionais e acadêmicas.

Uma das riquezas do material é identificar a forma como as determinações e configurações normativas do discurso acadêmico-científico se relacionam com a multiplicidade de identidades e referências que se criam no espaço entre o vivido, o lembrado e o narrado e essa complexa vinculação do

vivido não só à ação, mas também à percepção da vivência e de seus significados e múltiplas interrelações, ao lembrado e as construções reais ou imaginárias entre a lembrança, suas origens e seus desdobramentos, e o narrado enquanto compartilhamento e ocultamento, nos quais diferentes processos de subjetivação se desenvolvem.

Buscamos localizar em meio as homogeneizações, racionalizações e formatações, na sequência regular de coerência atribuída, do primado racional e da moralidade incontestável de uma narrativa teleobjetivada do comportamento público e racional e das ações exemplares e decisivas, possamos identificar a explicitação ou omissão do aleatório, do imprevisível, do subjetivo e do desvio enquanto dimensões presentes no indivíduo.

Finalmente, em termos teóricos metodológicos convém apresentarmos uma ressalva, e dentro das obrigações da escrita acadêmica, referenciá-la com uma citação sobre o tema.

A presente pesquisa tem se estruturado sem preocupar em explicitar amplas hipóteses, ou seja, em sugerir a priori explicações gerais para os fatos, que se apresentam como uma possível resposta aos problemas propostos e que conduziriam a uma verificação empírica.

Lógico que se fazem presentes, na própria problematização, processos dedutivos e indutivos que constituem um “imaginário de pesquisa” (historiográfica ou sociológica) e que trazem atrás de si um conjunto de idéias e pressupostos, mas devido a própria natureza biográfico-narrativa do objeto, as questões de orientação fenomenológica/hermenêutica não são explicitadas e se reconstróem ao longo das análises e sínteses pelo reconhecimento da subjetivação presente tanto nas fontes como no próprio processo de desenvolvimento da pesquisa.

Nesse aspecto, tal qual Edmundo Campos Coelho, em seu conhecido estudo sobre a institucionalização do campo profissional dos advogados, médicos e engenheiros, na transição do século XIX para o XX, *As profissões imperiais*, poderíamos afirmar que embora suspeitemos que existam teoria e metodologias utilizadas para organizar a presente narrativa não estamos convencidos sobre a utilidade, necessidade ou possibilidade de explicitá-las de forma sistemática – propomos que as deixemos como subtexto que se une a ausência de uma conclusão substantiva. (COELHO, 1999, p. 34-35)



Se tal abordagem talvez não seja capaz de oferecer a confirmação de uma "realidade científica" pelo menos contém referências para a percepção de uma "realidade eficaz" (*Wirksamkeit*) e de uma "realidade efetiva" (*Wirklichkeit*), permitindo processos de descrição e de análise que ainda permitem a quem discordar ou identificar outras potencialidades/possibilidades, a partir de distintos referenciais teórico-metodológicos, desenvolver novas pesquisas com as mesmas fontes ou com fontes semelhantes.

## **MARCADORES DISCURSIVOS DA MEMÓRIA DOCENTE NOS MEMORIAIS**

Em termos numéricos percebe-se que o Departamento de Antropologia apresenta um total de treze professores que defenderam a livre-docência ou a titularidade no período 2000-2013, enquanto o de História tem dezessete na mesma situação.

Entre os treze antropólogos temos sete mulheres e seis homens, sendo que, deste total, nove fizeram a livre-docência (quatro homens e cinco mulheres) e seis a titularidade (três homens e três mulheres), sendo que em termos cronológicos uma livre-docência foi defendida em 2000, quatro em 2001, uma em 2004 e duas em 2008, enquanto as titularidades foram duas em 2002, uma em 2004, uma em 2006 e uma em 2010.<sup>5</sup>

O grupo dos historiadores, formado por 17 professores, apresenta oito mulheres e nove homens, com dezesseis livre-docências (oito mulheres e oito homens) e nove titularidades (quatro mulheres e cinco homens), sendo que em termos cronológicos duas livre-docências foram defendidas em 2000, sete em 2001, uma em 2002, 2004, 2009 e 2013, e três em 2010, e em 2003, 2007, 2009 e 2001 foram apenas uma titularidade em cada, e duas em 2002 e três em 2004.<sup>6</sup>

O formato é delimitado pela normatização acadêmica, em um texto impresso em folhas de sulfite A4, ocupando em geral cerca de quatro dezenas de páginas, sendo comum o uso de notas de rodapé e no caso dos

---

<sup>5</sup> Os únicos dois que defenderam ambos os tipos dentro do recorte cronológico estipulado (2000-2013), um homem e uma mulher, demoraram três e seis anos entre os dois concursos.

<sup>6</sup> Oito defenderam ambos os tipos de concurso dentro do recorte cronológico estipulado (2000-2013), quatro homens e quatro mulheres, com dois demorando um ano, um precisou de dois anos, dois usaram três anos, um utilizou quatro anos e outros dois fizeram em cinco anos.

documentos analisados se mostraram totalmente ausentes quaisquer processos de estetização (como uso de imagens, utilização de textos literários para além de tímidas e raras epígrafes ou editoração do volume).

Por causa das restrições de tempo de uma exposição oral no interior de um evento acadêmico não cabe aqui a (rica) abordagem das particularidade de cada um desses memoriais, mas a constatação de seus lugares comuns que se convertem em marcadores discursivos.

O memorial acadêmico, entendido aqui enquanto egodocumento/autodocumento apresenta recorrentemente uma descrição da própria produção, com o enfoque de continuidade e de particularidade, que legitimariam a idéia de “obra” ou “legado”, assim como as referência as redes de relações como forma de marcar “pertencimentos” e “heranças”, embora que, como relato autobiográfico, o ponto de partida da narrativa oscila entre as condições familiares e a inserção no ambiente universitário, com predominância entre as mulheres da primeira dimensão e ausência em muitos dos relatos masculinos sobre tais vivências.

A abordagem da “obra” e do “legado”, por sua vez, reforça uma perspectiva sedimentar e ênfase nos ganhos sobrepostos, e quando derrotas e fracassos se apresentam são utilizados para justificar atos de superação. Iniciativas como a do professor Johannes Haushofer, professor associado de psicologia em Princeton, que alcançou notoriedade com a divulgação em sua conta no Twitter de um currículo em que elenca apenas os cargos que pleiteou e não conquistou, os prêmios que concorreu e não ganhou, os ensaios que foram rejeitados por publicações acadêmicas e os pedidos de financiamento de pesquisas que não foram aprovados realmente são mais do que uma raridade, uma impossibilidade.<sup>7</sup>

Por sua vez, a dimensão relacional do texto, sobre a “rede de relações” na universidade se apresenta como uma “prestação de contas”, mas não é um “acerto de contas”, de modo que se fazem ausentes quaisquer descrições sobre as constantes disputas pessoais e grupais que se fazem presentes em todo departamento universitário, mesmo porque enquanto documento público,

---

<sup>7</sup> Notícia disponível em <  
[http://www.bbc.com/portuguese/curiosidades/2016/05/160504\\_professor\\_curriculo\\_fracassos\\_f](http://www.bbc.com/portuguese/curiosidades/2016/05/160504_professor_curriculo_fracassos_f)  
n > Visitado em 05/06/2017

que é disponibilizado pela instituição aos interessados e aos seus pares, o registro oficializaria institucionalmente as divergências intestinais que possivelmente existiram em diversas situações mas que pela própria natureza das dinâmicas da gestão universitária se ocultou nas dobras dos controles burocrático-administrativos.<sup>8</sup>

Enquanto escrita de si, há narradores constrangidos e eufóricos, assim como discursos com maior ênfase objetiva/quantificável/curricular ou subjetiva/qualitativa/vivencial, mas em ambos os casos são raras as autoreferências de raça e gênero, em contraste com as rotineiras menções de origem de classe, em um silêncio que reflete a sobrevivência de uma tradição misógina no campo intelectual que identifica como fragilidade/limitação/incapacidade aspectos da condição feminina, estigmatiza a condição homossexual, omite as tensões e encantamentos das afetividades<sup>9</sup>, entre outras questões.

E tal qual a dificuldade para se falar em coisas da alma encontram-se entraves para a descrição ou avaliação das coisas do corpo, o que resulta em uma ausência da dimensão física/corporal - exceto em raras referências a maternidade e ao envelhecimento.

A forma como os narradores organizam a exposição de suas trajetórias e as formas como apresenta as dimensões de ensino, pesquisa, extensão e gestão são bastante desiguais, com maior ênfase na pesquisa e gestão do que no ensino e na extensão. Destaca-se, inclusive, uma certa naturalização das práticas de ensino, com a quase inexistência da identificação de uma dimensão performática do *metiér*, como se a relação pensar-fazer não englobasse palavra, imagem, gesto e forma de vida, e na qual o processo de ensino-aprendizagem (e mesmo as orientações de iniciação científica, mestrado ou doutorado) não só não são problematizados como ainda são recorrentemente omitidas as formas de interação com os alunos e orientandos.

---

<sup>8</sup> Curiosamente, o destilar de certos venenos ou o explicitar de mágoas entre acadêmicos aparecem eventualmente em entrevistas ou depoimentos, mas em narradores cujo conjunto da obra e os anos de experiência permitem o luxo de dar nomes aos seus desafetos ou a apontar disputas mais extremadas.

<sup>9</sup> Interessante trabalho sobre as afetividades na carreira acadêmica é a dissertação em antropologia de Moraes (2012) com o título “Pântanos de relações e colchões de cumplicidade”: academia e conjugalidade na perspectiva de quatro mulheres intelectuais.

Essas observações, mesmo que limitadas e impressionistas, sobre um esforço de narrativa autobiográfica e autorreflexiva, em um contexto bastante específico (de um concurso público), tornam visível a imensa dificuldade, talvez geracional ou de campos intelectuais específicos, para que homens e mulheres publicizem certas dimensões de suas experiências acadêmicas e vivências pessoais.

Tais dificuldades reafirmam a nobre verdade de que todos são ignorantes, porém em coisas diferentes, e que para o professor universitário, no contexto de formação e de atuação daqueles que se encontram trabalhando nas primeiras décadas do século XXI, conhecer a si mesmo e escrever sobre isso ainda é um grande desafio, que para além da necessidade burocrática, poderá significar em seu enfrentamento futuros ganhos de prazer e proveito.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALBERTI, Verena. "Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa", In: *Estudos Históricos*, FGV, Rio de Janeiro, vol.4, n.7, p.66-81, 1991.

ARISTIZABAL, Catherine. *Autodocumentos hispanoamericanos del siglo XIX: fuentes personales y análisis histórico*. Berlim: LIT Verlag / Hamburger Lateinamerikastudien, 2012.

BRUNER, Edward M. "Ethnography as Narrative", In: TURNER, Victor W. BRUNER, Edward M. *The Anthropology of Experience*, Urbana: University of Illinois, 1986, p. 139-155.

COELHO, Edmundo Campos. *As Profissões Imperiais: Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

DOURADO, Autran. Proposições sobre o labirinto. Colóquio/Letras, Lisboa, n. 20, p. 5-12, jul.1974.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

LEJEUNE, Pierre. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MORAES, Fernanda Azeredo. Pântanos de relações e colchões de cumplicidade: academia e conjugalidade na perspectiva de quatro mulheres intelectuais. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96224/302924.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

NORA, Pierre. *Ensaio de Ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1989.

NUÑEZ CONTRERAS, Luis. Concepto de documento, In: *Archivística: estudos básicos*. Sevilha: Disputación Provincial, 1981, p. 30-44.

PASSEGGI, Maria da Conceição. SOUZA, Elizeu Clementino de. VICENTINI, Paulo Perin. "Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização, In: *Educação em Revista*, Belo Horizonte: UFMG, v. 27, n. 01, p. 369-386, abr. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (Org.) *(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes*. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2008.

SCHULZE, Winfried. Sobre el significado de los ego-documentos para la investigación de la Edad Moderna. In: AMELANG, James A. *De la autobiografía a los ego-documentos: un forum abierto*. Cultura, Escrita y Sociedad. Universidad de Alcalá, n. 1, p. 106-109, 2005.

SILVA, W. C. L. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n. 15, p. 103 – 136, 2015b.

SILVA, W. C. L. Para além da ego-história: memoriais acadêmicos como fontes de pesquisa autobiográfica. *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 11, n. 1, p. 71-95, 2015a.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, identidade e alteridade: modos de narração, escrita de si e práticas de formação na pós-graduação. *Revista Fórum Identidades*. Ano 2, v. 4, p. 37-50, jul. – dez. 2008.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.